

O DESEQUILÍBRIO ENTRE RICOS E POBRES

Oswaldo Miqueluzzi *

De acordo com David Rothkopf, em sua obra “Superclasse: a elite que influencia a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo” (Rio de Janeiro: Agir, 2008), “a riqueza somada dos cerca de mil pessoas mais ricas do mundo – os bilionários do planeta – é quase o dobro daquilo que têm os 2,5 bilhões de pessoas mais pobres”.

Segundo ele, em 2007, “o PIB global foi estimado em 47 trilhões de dólares”. Neste mesmo ano, “as 250 maiores empresas do mundo tiveram vendas somadas superiores a 14,87 trilhões de dólares, correspondendo a quase um terço do PIB global e superando o PIB dos Estados Unidos ou da União Européia (de 13,2 trilhões e 13,74 trilhões, respectivamente)”.

Ainda em 2007, “as vendas somadas das cinco maiores (Wal-Mart, ExxonMobil, Royal Dutch Shell, BP e General Motors) foram de quase 1,5 trilhão de dólares – superior ao PIB de todos os países, com exceção de sete”.

Eis algumas outras disparidades apontadas por David Rothkopf:

a) “em 1983, as quinhentas maiores empresas tinham lucros equivalentes a 15% do PIB global”; em 2008 a proporção passou “para 40%”, quase triplicando;

b) “a parcela de 10% dos americanos mais ricos detinha 85% de todas as ações em 2001, com o um por cento mais rico controlando um terço de toda a riqueza dos Estados Unidos”;

c) “10% dos adultos do mundo detêm 85% da riqueza global, enquanto a metade mais desfavorecida da população do mundo fica com apenas 1% do total”; “os 2% superiores desse grupo detêm metade da riqueza do planeta, e o 1% mais alto possui cerca de 40%”;

d) os bilionários do mundo, cerca de mil indivíduos, “menos de 0,000015% da população mundial, detêm riqueza equivalente a quase *duas vezes* aquela dos 50% mais pobres”;

e) “as cem maiores instituições financeiras do mundo administram quase 43 trilhões de dólares, cerca de um terço do patrimônio financeiro global”;

* Assessor jurídico da Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina - FECESC

f) as 250 maiores empresas do mundo respondem por “cerca de um terço do PIB global”;

g) “os países mais ricos do mundo, como os Estados Unidos, aqueles da União Européia e o Japão, são em média mais de cem vezes mais ricos do que os mais pobres, como Etiópia, Haiti e Nepal. Há cem anos, a taxa era perto de 9 para 1. Na verdade, a taxa entre o PIB do país mais rico de hoje em termos per capita, Luxemburgo, e o mais pobre, Guiné-Bissau, é de 267 para 1”;

h) nos Estados Unidos, “embora o percentual de aumento médio real da renda familiar entre 1990 e 2004 tenha sido de 2% para 90% dos lares americanos com menor renda, ela aumentou 57% para o 1% de maior renda, disparou 85% no caso de 0,1% que ganha mais, e até 112% para a camada mais alta de 0,01%. Ou seja, os mais ricos estão ficando ainda mais ricos duas vezes mais rapidamente do que os ricos”; “um fenômeno semelhante pode ser visto na Grã-Bretanha, onde os super-ricos viram sua riqueza aumentar entre 500% e 600%, enquanto os preços médios no varejo subiram apenas 60% no mesmo período”.

Como se vê, os ricos - pessoas e países - ficam cada vez mais ricos, as empresas crescem e aumentam seus lucros sem medidas.

A sociedade está doente, pois, como disse Plutarco, “o desequilíbrio entre ricos e pobres é a mais antiga e fatal doença de todas as repúblicas”.

Como os salários são o principal componente da renda, segundo James Galbraith, da Universidade do Texas, citado por David Rothkopf, as desigualdades sociais e de renda também aumentarão se eles não acompanharem o crescimento da riqueza e dele não participarem.

Recente pesquisa realizada por Haliwell Bank, especializado banco europeu em gestão de grandes fortunas, fusões e aquisições de empresa, registrou que Santa Catarina foi o Estado com maior crescimento no número de milionários no período de 2003 a 2010, apontando como razões, entre outras, o avanço da indústria, turismo, serviços, setor portuário e construção civil.

Políticas como as que têm sido adotadas em relação ao reajuste do salário mínimo, contemplando o crescimento do PIB – Produto Interno Bruto, e dos pisos salariais estaduais, contribuem para a diminuição das desigualdades sociais, devendo ser incentivadas e complementadas em negociações coletivas de trabalho. Mas, ainda são insuficientes para diminuir o imenso desequilíbrio entre ricos e pobres.

Florianópolis, 19 de janeiro de 2012.